

# Práticas pedagógicas no ensino de LIBRAS: possibilidades por meio de uma pedagogia visual

---

RAQUEL DA SILVA GOMES<sup>1</sup>

ALESSANDRO BARBOSA FERNANDES<sup>2</sup>

DIENNEF GOMES DO CARMO<sup>3</sup>

---

## Resumo

O interesse primário deste trabalho de pesquisa foi analisar uma atividade de produção textual com alunos surdos em uma turma do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Belém/PA no ano de 2016. Trata-se de atividades visuais ancoradas na pedagogia visual, com a exibição de um conto clássico “O Patinho Feio”, contado na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Este trabalho utiliza como metodologia a investigação descritivo-analítica e examina a comunidade surda de alunos conforme os seguintes procedimentos: em lócus, por meio da observação das recepções do vídeo, registros no diário de campo, filmagem, interação e atuação com os alunos surdos. Pretendia-se desenvolver a competência comunicativa dos alunos surdos e, mais precisamente, exemplificar vocabulários mais próprios dentro da história, além de observar a existência e o uso de variações recorrentes de LIBRAS, se funcionam na comunicação entre eles, sem prejudicar os significantes, e averiguar o domínio da estrutura gramatical de LIBRAS (classificadores, organização frasal, demarcação dos espaços). Os resultados indicam que os usos de elementos que favoreçam uma pedagogia visual são significativos, valorizando o aspecto da visualidade desses alunos, uma vez que despertou neles a atenção e o interesse que os levou ao envolvimento com a atividade e a desenvolver suas habilidades de aprender a expressar-se e a compreender o que está sendo dito pelo outro colega.

Palavras-chave: Alunos dos surdos. Pedagogia visual. Descritivo-analítica.

# Pedagogical practices in LIBRAS teaching: possibilities through a visual pedagogy

## Abstract

The main goal of this paper is analyzing the application of a written activity in a public high school, with deaf students, belonging to the 6th grade, in the city of Belém (PA) in 2016. Those activities were based on visual pedagogy; using the literary fairy tale “Ugly Duckling” though told in Brazilian sign language (LIBRAS). The methodology used is descriptive-analytic and examines the student deaf community, accordingly to the following procedures: In locus, by the observation of the reception of the film, records information in a field diary, filming and the interaction among deaf students. We intended developing the communicative skill of those students, specifically to exemplify some vocabulary that might increase new lexical elements among students; to observe the existence and variations often used in LIBRAS and if its works among students, without damaging its meaning; to verify the use of grammatical structures in LIBRAS (markers, sentence organization, use of space). The result points out that using elements from visual pedagogy was significant, once it values aspects of student’s sight, leading them to be interested and involved with the activity, also developing their learning skills namely how to express themselves and understanding what had been said by other students.

Keywords: Deaf education. Visual pedagogy. Descriptive-analytic.

## Práticas pedagógicas en la enseñanza de LIBRAS: posibilidades por medio de una pedagogía visual

### Resumen

El interés primario de este trabajo de investigación fue una actividad de producción textual con alumnos sordos en una clase del 6° año de la enseñanza fundamental de una escuela pública de Belém (PA), en el año 2016. Se trata de actividades visuales ancladas en la pedagogía visual; con la exhibición de un cuento clásico “El patito feo”, sin embargo, contado en la Lengua Brasileña de Señales (LIBRAS). Este trabajo utiliza como metodología, la investigación descriptivo-analítica y examina a la comunidad sorda de alumnos conforme a los siguientes procedimientos; en locus, por medio de la observación de las recepciones del video, registros en el diario de campo, filmación, interacción y actuación junto a los alumnos sordos. Nuestro objetivo principal, por el siguiente, era desarrollar la competencia comunicativa de los alumnos sordos, y más precisamente: ejem-

plificar vocabulários más propios dentro de la historia, observar la existencia y el uso de variaciones en el sentido de que los usos de elementos que favorezcan una pedagogía visual son los que muestran que los usos de elementos que favorezcan una pedagogía visual son los que se manifiestan en los medios de comunicación, significativos, valorando el aspecto de la visualidad de estos alumnos, una vez que despertó en ellos a at y el interés que los llevó a la implicación con la actividad ya desarrollar sus habilidades de aprender a expresarse y comprender lo que está siendo dicho por el otro colega.

Palabras clave: Educación sordos. Pedagogía visual. Descriptivo-analítico.

## Introdução

A Universidade do Estado do Pará (UEPA), no Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), promove a formação dos professores de Licenciatura em Letras/LIBRAS para atuar no ensino de LIBRAS como primeira e segunda língua, desenvolvendo as competências didático-pedagógicas desses professores. Uma das formas de desenvolver tais competências é possibilitando, aos discentes, o contato com a prática docente por meio de atividades de campo.

A presente investigação é resultado de uma atividade de pesquisa de campo realizada como requisito avaliativo da disciplina “Reflexões sobre a Prática Pedagógica IV – LIBRAS como L1 para surdos” do curso de Licenciatura em Letras/LIBRAS da UEPA/CCSE. Essa disciplina, conforme consta no projeto político-pedagógico do curso (UEPA, 2011, p. 86), objetiva promover reflexões sobre: o ensino de LIBRAS como L1 para surdos; os diversos métodos, os componentes e as diretrizes metodológicas para esse ensino; a avaliação de materiais didáticos; e as análises de vídeos didáticos em Libras.

Com a finalidade de vivenciar essas reflexões na prática, adentrou-se, no dia 2 de dezembro de 2016, em uma escola estadual de ensino fundamental e médio, localizada no bairro de Batista Campos, Belém/PA, para a execução do planejamento de uma atividade de produção e compreensão de textos em língua de sinais.

Trabalhou-se com o conto “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, e, de modo geral, objetivou-se desenvolver a competência comunicativa dos alunos surdos e, especificamente, exemplificar vocabulários dentro da história para aumentar o repertório lexical dos alunos, assim

como observar a existência e o uso de variações recorrentes da LIBRAS, se funcionam na comunicação entre eles sem prejudicar os significantes uso de variações e averiguar o domínio da estrutura gramatical da LIBRAS (classificadores, organização frasal, demarcação dos espaços).

A escolha pela história de “O Patinho Feio” advém do fato de que esse conto, que é “contado” e “recontado” muitas vezes para as crianças ouvintes, traz a ideia da diferença e da rejeição, fatos que se consideram presentes na vida de muitos surdos. É a história de um filhote “diferente” no meio de uma “ninhada” de patinhos “comuns” ou “normais”. Assim começa a trajetória de “O Patinho Feio” levada para a sala de aula, explorando os recursos imagéticos por meio do aspecto da visualidade.

Este estudo mostra-se relevante, uma vez que poderá servir como fonte de informações e contribuir como um elemento de reflexão acerca das práticas pedagógicas referentes ao ensino de LIBRAS como L1 para alunos surdos, as quais reconhecem as especificidades dessa língua, possibilitando aos alunos desenvolver sua competência linguística de domínio da LIBRAS para que sejam capazes de elaborar suas frases e textos em sua própria língua.

Portanto, para a realização desta pesquisa, desenvolveu-se a atividade de LIBRAS como L1 com alunos surdos do 6º ano do ensino fundamental e fez-se levantamento dos dados presentes neste artigo por meio das observações, registros no diário de campo, filmagem, interação e atuação com os alunos surdos.

## Fundamentação

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é reconhecida pela Lei nº 10.436 de 2002 como a língua das comunidades surdas brasileiras. O artigo 4º dessa lei dispõe que os sistemas educacionais federais, estaduais, municipais devem garantir a inclusão de LIBRAS como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais nos cursos de formação de Educação Especial, em seus níveis médio e superior de ensino.

Ainda na referida lei, consta que (BRASIL, 2002):

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

No que diz respeito à legitimação e ao reconhecimento dessa língua utilizada pelas pessoas surdas:

A língua de sinais “é uma língua espacial visual, pois utiliza a visão para captar as mensagens e os movimentos, principalmente das mãos, para transmiti-la”. Distinguem-se das línguas orais pela utilização do canal comunicativo, enquanto as línguas orais utilizam canal oral-auditivo, as línguas de sinais utilizam canal gestual-visual (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 35).

Nesse sentido, fundamenta-se a atividade executada com os alunos surdos ancorados na pedagogia visual, por meio de práticas de ensino de língua de sinais que tornaram mais acessível o processo de ensino e aprendizagem por meio da visualidade.

Para analisar e discutir os dados da pesquisa, foram escolhidos alguns referenciais como base: Lacerda, Santos e Caetano (2011), na abordagem do uso de imagem; Brait (2010), na concepção de texto para além da dimensão verbal; Quadros e Schmiedt (2006), quando afirmam que o relato de histórias, a produção de literatura infantil em sinais, bem como de contos e piadas, são fundamentais no contexto da educação de surdos; Lodi, Harrison e Campos (2012), na compreensão dos diferentes níveis de domínio da LIBRAS apresentados por alunos surdos; Albres (2012), para ratificar que, ao ensinar LIBRAS, não se deve tomar por base apenas o seu aspecto formal, mas considerar todos os aspectos que tornam possíveis aos alunos surdos desenvolver sua competência de comunicar-se com o outro; e Karnopp e Pereira (2012), na discussão e análise da produção em língua portuguesa na modalidade escrita por parte dos alunos surdos.

O referido embasamento permitiu reflexões acerca do ensino de LIBRAS como L1 por meio do conto “O Patinho Feio”, além de propiciar o trabalho de apreensão da estrutura gramatical da língua de sinais com

esses alunos, como elementos (classificadores, organização da sentença e demarcação dos espaços) que são peculiares a essa língua, uma vez que:

A língua de sinais é uma língua natural com um léxico e uma gramática própria, sendo utilizada pelos surdos. São línguas completamente desenvolvidas e quem as domina é capaz de criar um número ilimitado de novas frases, tal como ocorre com todas as línguas naturais (KARNOPP, 1994, p. 29).

É uma língua como qualquer outra por possuir os níveis linguísticos, como o fonológico, morfológico, sintático e semântico, porém é peculiar em sua modalidade “espacial visual”, que exige conhecimento e domínio por parte de quem a ensina, o que implica em uma formação docente capaz de suscitar reflexões sobre o ensino dessa língua e dos diversos métodos que norteiam a prática docente.

Com relação a essa prática, de acordo com a concepção de Nóvoa (2001, s/p), duas competências são indispensáveis para tal prática “[...] a competência de organização. Isto é, o professor não é, hoje em dia, um mero transmissor de conhecimento [...] é um organizador de aprendizagens” e a “competência da compreensão do conhecimento”. Para essa competência, o autor afirma “não basta deter o conhecimento para saber transmitir a alguém, é preciso compreender o conhecimento, ser capaz de reorganizar, ser capaz de reelaborá-lo e de transformá-lo”.

Portanto, nesta pesquisa, visando alcançar os objetivos já mencionados anteriormente, apresentam-se a atividade de produção e a compreensão de textos em LIBRAS que levaram à produção sinalizada a partir da recepção dos alunos, que foi filmada e teve a transcrição dos sinais realizada por meio do sistema de transcrição de Ferreira Brito (1995).

## Metodologia

Organizou-se uma sequência didática para facilitar a aprendizagem dos alunos, a começar da compreensão do conteúdo trabalhado; então, reorganizaram-se e reelaboraram-se estratégias metodológicas na tentativa de alcançá-los para a apreensão dos conhecimentos. A atividade de pesquisa foi realizada no período das 13h45 às 16h do dia 2 de dezembro de 2016, na escola pública já anteriormente referida.

Participaram da atividade de investigação três alunos surdos do 6º ano do ensino fundamental, sendo dois do sexo masculino, com idade de 13 e 16 anos, e um do sexo feminino, com idade de 15 anos. Foi desenvolvida com eles a atividade acerca do conto “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, com a intenção de desenvolver a sua competência comunicativa.

Para análise dos dados, foram considerados: a) o uso e domínio de LIBRAS por parte dos alunos no processo de recontar a história; b) as variações recorrentes da língua; c) o desenvolvimento de vocabulários específicos dentro da história.

A atividade foi trabalhada em cinco momentos:

- Primeiro momento: foram mostradas aos alunos imagens com os personagens do conto.
- Segundo momento: apresentou-se um vídeo com a história contada apenas por meio de imagens.
- Terceiro momento: conversou-se com os alunos acerca do vídeo.
- Quarto momento: os alunos recontaram a história a partir de sua recepção.
- Quinto momento: finalizou-se com o vídeo do conto em língua de sinais.

## **Análise e discussão dos resultados**

Ao trabalhar a LIBRAS como L1, buscaram-se criar situações variadas para motivar os alunos a desenvolver textos em sinais, por meio da interação, do diálogo, da conversa com eles para que pudessem expor suas ideias, opiniões e seus conhecimentos prévios acerca do conto “O Patinho Feio”. No primeiro momento, ao mostrar aos alunos imagens do conto, procurou-se apreender o conhecimento prévio deles acerca do assunto, pois, de acordo com Lacerda, Santos e Caetano (2011, p. 105):

Uma imagem suscita o leitor a reflexões de situações da sociedade, que, ao mesmo tempo em que são captadas nesse meio, são também reflexos da mesma, revelando elementos de exclusão social, consumismo, abandono, felicidade, entre outros na nossa sociedade.

Assim, foram mostradas as imagens e perguntou-se se eles conheciam a história e os personagens; os alunos se manifestaram, mas apenas um deles demonstrou ter conhecimento prévio. Para transcrever o enunciado descrito em língua de sinais, utilizou-se o sistema Ferreira Brito-Langevin<sup>4</sup> de transcrição de sinais:

(-----!-----) (---int---)  
K.: CONHECER JÁ PASSADO HISTÓRIA CRIANÇA  
VER TELEVISÃO.  
B.: NÃO.  
S.: NÃO-CONHECER.

No segundo momento, ao apresentar o vídeo com a história contada por meio de imagens, sem a presença da língua de sinais e da legenda em língua portuguesa, procurou-se valorizar a visualidade dos alunos e despertá-los para algo muito peculiar aos surdos, as expressões faciais, uma das marcas do aspecto linguístico da língua de sinais presente no vídeo e, assim, fazer com que houvesse uma melhor compreensão do texto, tomando por base a concepção de Brait (2010, p. 195):

Pode ser designada semiótico-ideológica, ultrapassa a dimensão exclusivamente verbal (oral e escrita) e reconhece visual, verbo-visual, projeto gráfico e/ou projeto cênico como participantes da constituição de um enunciado concreto, de sua arquitetura, de sua inerente propriedade discursiva de oferecer-se como resposta que engrena sempre novas perguntas.

Trabalhou-se com essa noção de texto para além da modalidade escrita, valorizando o caráter visual para que a aprendizagem fosse mais significativa para eles. Observou-se que, durante a execução do vídeo em língua de sinais, um dos alunos já manifestava sua opinião, o que ratifica o desenvolvimento comunicativo do aluno surdo. Quando ele se comunica na sua própria Língua, “a elaboração de ideias e fatos oriundos da comunidade surda”, conforme a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), é mais bem compreendida e facilmente expressada por eles, porque se trata do uso da modalidade de língua espacial-visual.

Para transcrever o enunciado em LIBRAS, utiliza-se um sistema de transcrição<sup>5</sup> para representar as glosas da língua de sinais.

K.: BRANCO DIFERENTE DIFERENTE DIFERENTE ((intensificador)). IGUAL NÃO DIFERENTE (md) DIFERENTE (me) ((intensificador)) NÃO BRANCO AMARELO PAI ANGUSTIA FEIO RAIVA RAIVA BRIGAR ((intensificador)).

No terceiro momento, ao conversar com os alunos a respeito da narrativa e de sua compreensão, desse modo desenvolvendo a competência comunicativa e aumentando o repertório vocabular dos alunos, mais especificamente com relação aos vocabulários relacionados à história, um dos alunos apresentou suas impressões. De acordo com a transcrição<sup>6</sup>:

S.: PATO FILHO DIFERENTE CULTURA DIFERENTE MÃE PAI RAIVA ((intensificador)) DIFERENTE QUERER PAI PRECONCEITO ((intensificador)) PORQUE IGUAL AMARELO COMBINAR DIFERENTE CULTURA PATO DIFERENTE BRANCO DIFERENTE RAIVA NÃO-GOSTAR EXPULSAR ((intensificador)) BRANCO EXPULSAR.

Percebe-se que o aluno evoca seu conhecimento prévio ao trazer para a sua narrativa os sinais de “preconceito” e “cultura” para relacionar com o fato de o patinho ser diferente, e não feio aparentemente. Ressalta-se que essas duas palavras estão presentes e circulam na comunidade surda; valendo-se disso, é possível inferir que esse aluno alcança a relação significado e significante.

No quarto momento, ao solicitar aos alunos para recontar a história a partir de sua recepção, de seu entendimento, realizou-se a filmagem para observar, com mais clareza, o uso de LIBRAS pelos alunos surdos, considerando as variações, o uso “formal”, além das descrições do uso dos verbos em LIBRAS, e, assim, analisar o domínio da estrutura gramatical da LIBRAS, como a organização das sentenças, as marcas das expressões verbais e não verbais, o uso de classificadores e a demarcação dos espaços realizados pelos alunos. Buscou-se estimular a capacidade de narrar histórias em sinais, explorando suas habilidades visuais e o desenvolvimento de sua competência linguística.

Nesse contar e recontar das histórias, foi possível observar as experiências vividas e trazê-las para o cotidiano da sala de aula, além de incentivar os alunos a enriquecer suas produções de textos em sinais, valorizando e respeitando seu nível de proficiência em LIBRAS. De acordo com a transcrição<sup>7</sup>:

K.: MÃE FILHO ESPERAR GRAVIDEZ O-V-O DEMORAR ESPERAR CL: (OVO MEXENDO) VER BRANCO ELE FEIO ((intensificador)) HOMEM FEIO BRANCO NÃO-FALAR MÃE NÃO-SABER CONFUSÃO RAIVA ANGÚSTIA BRIGAR SEPARAR ((intensificador));  
[...]CL: 1pPÁSSARO VOANDO VER 1pNÃO-GOSTAR 2pFEIO BRANCO 1pCOR DELE MARROM 1pBRANCO NÃO-GOSTAR. [...] PARECER NÃO-ENTENDER NÃO-SABER VER PARECER CALADO BRINCAR BATER CABEÇA MEDO TRISTE CHORAR ((intensificador)) ESPERAR DEPOIS ÁGUA VER ANDAR VER SALVAR SALVAR HOMEM FAMÍLIA BRINCAR ACABAR VER MÃE SALVAR IR JUNTO FAMÍLIA FIM.

S.: QUERER FILHO VER ESPERAR NERVOSO CL: 3pANDAR DE UM LADO PARA O OUTRO (CL) ATRASAR ESPERAR ESPERAR CONSEGUIR CONSEGUIR ((interrogação)) NÃO [...] SENTIR CONSEGUIR OLHAR FELIZ SENTIR HOMEM FELIZ ((intensificador)) SENTIR OLHAR GRUPO MÃE NAMORADA ACONTECER O QUE ((interrogação)) BRANCO CL: OVO ACONTECER MUDAR O QUE FAZER O QUE FAZER TEU MULHER FILHO ((interrogação)) EU NADA ((afirmação)) HOMEM COMPARAR BRIGAR [...] VER FILHO CONHECER BRANCO JUNTO CARINHO BOM ABRAÇAR JUNTO IR.

Nesses recortes, ao recontar a história a partir de sua compreensão, fica visível a diferença de domínio existente no uso de LIBRAS por parte dos alunos, porém a história não perde o sentido; pelo contrário, ganha novos elementos a partir da visão e do entendimento de cada aluno, como se pode ver, por exemplo, na forma de finalizar a história.

No quinto momento, ao apresentar o vídeo “O Patinho Feio” em língua de sinais, elaborado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), possibilitou-se o contato dos alunos com sua língua, mostrando as peculiaridades da estrutura dessa língua, levando-os a conhecer um pouco dos aspectos linguísticos e o acesso ao material produzido em sua própria língua. Essa ação “provocou” um maior interesse da aluna B., que se direcionou de modo mais atento para a tela do laptop com entusiasmo. Pode-se inferir um resgate não apenas da atenção, mas da relação do sujeito com sua língua. Embora a aluna não tenha recontado a história em sinais, ela mostrou-se interessada pela atividade que lhe permite explorar sua habilidade visual.

Portanto, ao desenvolver uma prática de ensino de LIBRAS como L1 com os alunos surdos, levou-se em consideração a pedagogia visual para facilitar o processo de ensino e aprendizagem por meio do aspecto da visualidade desses alunos, respeitando a LIBRAS em sua modalidade e estrutura visual.

## O processo de análise linguística

Para o estudo e análise da gramática, valorizou-se a produção dos textos sinalizados pelos alunos, pois é onde os aspectos gramaticais da LIBRAS se fazem presentes e os conhecimentos prévios desses se manifestam. Para tanto, realizou-se o registro em vídeo dos alunos recontando ou reescrevendo o conto em LIBRAS, a partir de sua recepção.

Resaltou-se que a gravação dos vídeos é um rico material de estudo da língua que pode auxiliar na análise dos textos produzidos em LIBRAS pelos próprios alunos com marcas e impressões peculiares a cada autor. De acordo com a transcrição<sup>8</sup>:

K.: MÃE FILHO ESPERAR GRAVIDEZ O-V-O DEMO-  
RAR ESPERAR CL: (OVO MEXENDO) VER BRANCO  
ELE FEIO ((intensificador)) HOMEM FEIO BRANCO  
NÃO-FALAR MÃE NÃO-SABER CONFUSÃO RAIVA  
ANGÚSTIA BRIGAR SEPARAR ((intensificador));  
S.: QUERER FILHO VER ESPERAR NERVOSO CL: (AN-  
DAR DE UM LADO PARA O OUTRO) ATRASAR ESPE-  
RAR ESPERAR CONSEGUIR CONSEGUIR ((interroga-

ção)) NÃO [...] OUVIR SENTIR CONSEGUIR OLHAR FELIZ SENTIR HOMEM FELIZ ((intensificador)). SENTIR OLHAR GRUPO MÃE NAMORADA ACONTECER O QUE ((interrogação)) BRANCO CL: OVO ACONTECER MUDAR O QUE FAZER O QUE FAZER TEU MULHER FILHO ((interrogação)) EU NADA ((afirmação)) HOMEM COMPARAR BRIGAR [...].

É possível observar que cada aluno iniciou a narrativa em sinais de maneira diferente e utiliza elementos para enriquecer a história conforme sua compreensão, apreensão e o seu nível de conhecimento de LIBRAS. O aluno K. iniciou a história tomando como ponto de partida a espera da mãe (pata) pelo nascimento dos filhotes (patinhos), revelando os sentimentos de raiva, angústia, confusão e separação pelo fato de ter nascido um patinho diferente “feio”, enquanto o aluno S. teve como ponto inicial de sua narrativa à espera do pai (pato) pelo nascimento de seus filhotes (patinhos), construindo sua narração em dois momentos: no primeiro, ele narra os sentimentos de ansiedade, nervosismo, preocupação e felicidade do pai (pato) com o nascimento de seus filhotes; no segundo, a decepção, a briga, a culpa e a separação pelo nascimento do filhote diferente.

De acordo com Lodi, Harrison e Campos (2012), um dos fatores que pode contribuir para os níveis variados de domínio da língua e que ainda é pouco discutido é o acesso tardio e a demora pela aceitação dessa língua, seja pelos próprios surdos, seja por seus familiares.

Ressalta-se que, nesta pesquisa, são consideradas todas as formas de produção sinalizada dos alunos, os níveis de domínio de LIBRAS, bem como o possível uso de variações recorrente constatadas, porém não foi possível realizar a transcrição dos sinais, uma vez que houve em dúvida com relação ao significado dos sinais e não foi perguntado aos alunos se os sinais realmente correspondiam ao que se estava pensando devido ao tempo que se tinha para executar a atividade.

Ao analisar os vídeos dos alunos, percebeu-se ainda a utilização de classificadores, a demarcação do espaço e a ordem das frases, que, embora ainda não estejam bem elaboradas, de acordo com a estrutura gramatical da LIBRAS, servem para mostrar que esses alunos fazem uso de sua língua de modo informal. Observaram-se também alguns “sinais caseiros”<sup>9</sup>, o que leva a inferir que esses sinais também são importantes e não devem

ser “descartados” ou considerados como “erro”, já que servem para estabelecer uma comunicação entre os alunos, como afirmam Lodi, Harrison e Campos (2012, p. 13): “observamos que muitos não têm acesso a Libras, desenvolvendo uma comunicação gestual caseira utilizada para fins de satisfação de necessidades e relatos de acontecimentos familiares”.

Acredita-se que, ao relatar os acontecimentos familiares mesmo utilizando esses sinais, os alunos surdos desenvolvem sua competência de comunicar-se com o outro, a qual servirá de base para a inserção de LIBRAS. Conforme Albres (2012, p. 27), “[...] É preciso lembrar que, se o objetivo do ensino de Libras é formar falantes competentes, não se deve enfatizar um ensino voltado apenas para o aspecto formal da língua [...]”. Consideram-se, pois, todos os aspectos favoráveis que possibilitem aos alunos surdos desenvolver sua competência comunicativa, aumentando seu repertório vocabular para que, por conseguinte, possam apreender os conhecimentos necessários para utilizar sua língua de maneira formal e informal de acordo com o contexto em que estejam inseridos.

## A produção da escrita por alunos surdos

Com relação à língua de sinais e sua importância na aquisição da leitura e escrita pelos alunos surdos:

É ela que vai possibilitar, em primeiro momento, a constituição de conhecimento de mundo, tornando possível aos alunos surdos entenderem o significado do que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita. Por sua vez, a língua escrita por ser totalmente acessível à visão, é considerada fonte necessária a partir da qual o surdo possa construir suas habilidades de língua (KARNOPP; PEREIRA, 2012, p. 128).

Essa abordagem foi trazida apenas para breve discussão e análise de um fragmento do vídeo em que o aluno afirma não conseguir escrever em língua portuguesa. De acordo com a transcrição<sup>10</sup>:

S.: LIBRAS ENTENDER MAS GOSTAR ((afirmação))  
NÃO-SABER RESPONDER TEXTO ((afirmação))  
NÃO-SABER PALAVRA DIFERENTE ENTENDER  
((interrogação)).

Percebe-se que o aluno não domina sua língua natural, a LIBRAS como L1. Na gramática formal do ponto de vista estrutural, pressupõe-se que por isso ainda não consegue construir sua habilidade de língua portuguesa como segunda língua (L2) na modalidade escrita. Portanto, não houve uma produção escrita em L2 elaborada pelos alunos surdos. Esse não domínio da língua vem ao encontro de sua consequência, conforme Karnopp e Pereira (2012), sobre a língua de sinais: a não aquisição da língua primeira não possibilitará a constituição de conhecimento de mundo, escrita, não entendimento dos significantes e significados de outra língua e sua também.

Fica visível a dificuldade expressada na “fala” do aluno surdo, em se tratando da escrita do português. Por ser de uma modalidade diferente da LIBRAS, ele consegue compreender e se expressar sinalizando, mas ainda não construiu a sua habilidade de escrever em língua portuguesa. Julga-se ser necessário uma maior exposição dos alunos surdos com os textos escritos, mas esse assunto poderá ser discutido mais a fundo em outra pesquisa que envolva o ensino de língua portuguesa para alunos surdos na modalidade escrita como L2. Aqui se traçou apenas uma breve discussão acerca de um fragmento do vídeo e que não poderia passar despercebido aos nossos olhos. Por mais que não seja o foco desta pesquisa, é um assunto muito relevante e que merece ser destacado para fomentar a busca por novas pesquisas.

## Considerações finais

As práticas pedagógicas para o ensino de LIBRAS como L1 para surdos necessitam de aplicação de técnicas, de métodos e de experiências na maneira de ensinar, mas, muitas vezes, é preciso ser corajoso o suficiente para arriscar-se e inovar essas práticas e ter compromisso com o ensinar/aprender a LIBRAS.

De acordo com pesquisas, os alunos surdos estão tendo acesso a LIBRAS tardiamente e não vivenciam a oportunidade do encontro com o adulto surdo. Como diz Perlin (1998), esse encontro representa um encontro com o mundo. O encontro de sujeitos surdos é um elemento-chave para o modo de produção cultural ou de identidade. Se não há esse elemento, cabe ao professor estimular em seus alunos outros encontros que despertem o desejo de produzir conhecimentos por meio dos textos em sinais.

Nessa atividade de ensino de LIBRAS como L1, foram propostos conteúdo, estratégias e métodos de ensino para alcançar o objetivo principal: desenvolver a competência comunicativa dos alunos surdos. Foram selecionados materiais e recursos para facilitar a aprendizagem desses alunos e tentou-se relacionar a atividade aos valores, atitudes e práticas sociais que fazem parte das experiências visuais desses alunos, ao trabalhar com eles a questão da diferença presente no conto “O Patinho Feio”.

Considerou-se que os objetivos foram alcançados e que a execução desta pesquisa foi relevante para a formação acadêmica que está atrelada à vivência por meio dessa atividade. Além disso, possibilitou refletir, enquanto futuros professores ouvintes, sobre a necessidade de possuir diversos saberes para atuar no ensino de surdos, tendo como foco central a língua de sinais e utilizá-la para alcançar os alunos, sem necessidade de simplificar as explicações ou usar a comunicação total.

Contudo, para que essa prática aconteça de fato, é necessário que professor e aluno tenham as mesmas possibilidades e domínio de LIBRAS para que a comunicação ocorra de maneira efetiva. Todavia, conforme presenciado na sala de aula durante a execução da atividade, “foge” ao aluno essa competência de domínio de sua língua. Assim, considera-se que muito ainda precisa ser trabalhado para alcançar esse nível e que o primeiro passo dessa árdua tarefa é dado quando o professor demonstra compromisso para com esses alunos e para com o ensino de LIBRAS como L1.

No ensino e aprendizagem de LIBRAS como L1, é relevante ressaltar o uso de elementos que favoreçam uma pedagogia visual, pois foram significativos para a realização do objetivo dessa atividade ao ajudar no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos envolvidos e ao valorizar o aspecto da visualidade desses alunos, uma vez que despertou neles a atenção e o interesse, além de tê-los levado ao envolvimento com a atividade e a desenvolver suas habilidades de aprender a expressar-se e compreender o que está sendo dito pelo outro colega.

O aprendiz da língua de sinais precisa aprender a se expressar e compreender o dito por outros. As atividades pedagógicas organizadas em sala de aula (ambiente formal de ensino de língua) devem prever o desenvolvimento dessas duas habilidades (ALBRES, 2012).

Portanto, acredita-se na ousadia em experimentar as estratégias pedagógicas de ensino de LIBRAS como L1, as quais atraem os alunos ao

desenvolvimento dessas duas habilidades principais. Frisa-se que a metodologia utilizada para a realização dessa atividade com os alunos não é algo pronto e acabado; o que se propôs foi uma prática didática que valorizava as particularidades dos alunos surdos e da língua de sinais.

Confia-se no compromisso com a ação profissional no campo de atuação e na apreensão das estratégias de ensino para que, de maneira crítica e reflexiva, seja possível discutir acerca da recepção e da produção sinalizada e/ou escrita dos alunos surdos, pois, em se tratando de ensino e aprendizagem desses alunos, as estratégias metodológicas precisam acompanhar suas necessidades e interesses.

Não há, portanto, uma sequência didática pronta e acabada para ser executada; há sempre um novo desafio em cada sala de aula, à espera de um professor “ousado” e comprometido com sua formação docente e com seus alunos, visto que cada aluno recebe e apreende o conteúdo de maneira diferenciada. Diante da peculiaridade visual desses alunos, é necessário esse saber na busca por recursos didáticos, elaboração, produção e criação de materiais que despertem ainda mais essa característica no processo de ensino e aprendizagem de educandos surdos. É preciso estar atento a cada etapa de construção do conhecimento e encarar o desafio de ser educador.

Em se tratando de desafio, diante das respostas obtidas nesta pesquisa, novas inquietações e novos questionamentos surgiram para fomentar o desejo em dar continuidade a este trabalho, por exemplo: como o aluno desenvolveu os vocábulos “preconceito” e “cultura”? Ele tem contato com o adulto surdo? Essas e outras questões exigem um maior aprofundamento de análise dentro da educação de surdos, pertinentes a se investigar.

Recebido em: 02/06/2017

Revisado pelos autores em: 21/08/2017

Aprovado para publicação em: 30/09/2017

## Notas

1 Docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestre em Linguística Aplicada. E-mail: profrgomes@hotmail.com

2 Graduado em Letras/LIBRAS. Integra o grupo de Estudos de Linguagens e Práticas Educativas na Amazônia (GELPEA) da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: alessandro-b-f@hotmail.com

3 Graduada em Letras/LIBRAS. Integra o grupo de Estudos de Linguagens e Práticas Educativas na Amazônia (GELPEA) da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail diennef@hotmail.com

4 Sistema de transcrição: letra maiúscula em português para conceitos em LIBRAS. Uso do hífen (-): traduzir conceito que é representado por um único sinal; enunciados expressando intensidade (--int-); enunciados expressando exclamação.

5 Sistema de transcrição: letra em caixa alta para representar as glosas da língua de sinais; enunciados expressando intensidade ((intensidade)); enunciados realizados com as duas mãos (md), (me).

6 Letra em caixa alta para representar as glosas da língua de sinais; enunciados expressando intensidade ((intensidade)). Uso do hífen (-): traduzir conceito que é representado por um único sinal.

7 Letra em caixa alta para representar as glosas da língua de sinais. Uso do hífen (-): traduzir conceito que é representado por um único sinal; enunciados expressando interrogação ((interrogação)); enunciados expressando afirmação ((afirmação)); enunciados expressando intensidade ((intensidade)); marcas de pessoa (1p, 2p, 3p).

8 Letra em caixa alta para representar as glosas da língua de sinais. Uso do hífen (-): traduzir conceito que é representado por um único sinal; enunciados expressando interrogação ((interrogação)); enunciados expressando afirmação ((afirmação)); enunciados expressando intensidade ((intensidade));

9 Os sinais caseiros emergem entre familiares de pessoas surdas e são convencionados entre eles (pais ouvintes e filhos surdos). Esses sinais apresentam um caráter emergencial, no sentido de que surgem em um estado de crise comunicativa em um contexto familiar no qual pais ouvintes não conhecem a língua de sinais, e a criança surda também não tem conhecimento da língua oral (nesse contexto, o português) de seus pais (ADRIANO, 2010, p. 34).

10 Letra em caixa alta para representar as glosas da língua de sinais. Uso do hífen (-): traduzir conceito que é representado por um único sinal; enunciados expressando interrogação ((interrogação)); enunciados expressando afirmação ((afirmação)).

## Referências

ADRIANO, Nayara Almeida de. **Sinais caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ALBRES, Neiva de Aquino. Saberes docentes: a problemática da formação de professores de Língua de sinais. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Libras em estudo**: ensino-aprendizagem. São Paulo: FENEIS, 2012.

ANDERSEN, Hans Christian. **O patinho feio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

BRAIT, Beth. Tramas Verbo-visuais da linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 193-228.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 16 out. 2016.

\_\_\_\_\_. TV INES. **O patinho feio**. Publicado em: 5 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sBBulj3HOtM>>. Acesso em: 13 out. 2016.

FERREIRA-BRITO, Lucinda; LANGEVIN, Rémi. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro 1995.

KARNOPP, Lodenir. **Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**: estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 1994.

KARNOPP, Lodenir; PEREIRA, Maria Cristina. Concepções da leitura e de escrita na educação de surdos. In: LODI, Ana Claudia; MÉLO, Ana Dorziat; FERNANDES, Eulalia (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 125-133.

LACERDA, Cristina Broglia; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: GÓES, Alexandre Morand et al. **Língua brasileira de sinais – Libras: uma introdução**. São Paulo: UAB-UFScar, 2011. p. 103-118.

LODI, Ana Claudia; HARRISON, Kathrin Marie; CAMPOS, Sandra Regina. Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades do contexto educacional. In: LODI, Ana Claudia; MÉLO, Ana Dorziat; FERNANDES, Eulalia (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 11- 24.

NÓVOA, Antonio. O professor pesquisador e reflexivo. **Salto para o Futuro**, 13 set. 2011. Disponível em: <<https://tvescola.mec.gov.br/tve/salto-acervo/interview?idInterview=8283>>. Acesso em: 14 out. 2016.

O PATINHO FEIO DISNEY. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KmNfGi4xzzg>>. Acesso em: 13 out. 2016.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-73.

QUADROS, Ronice Muller; SCHMIEDT, Magali. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

UEPA – Universidade do Estado do Pará. **Projeto político-pedagógico do curso de licenciatura em Letras/LIBRAS**. Belém: UEPA, 2011.